

MORFOSSINTAXE

O ARTICULADOR *ENTÃO* EM CONSTRUÇÕES CONSECUTIVAS NO PB FALADO

Evelyn Cristina Marques dos Santos (UFRJ)
lyn21@ufrj.br

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o tipo mais característico das construções³¹ consecutivas é aquele introduzido pela conjunção ‘que’ em correlação com um termo intensificador presente na primeira oração. No entanto, há, além deste, aquele introduzido apenas pela conjunção ‘que’ e o introduzido pelas locuções *de modo que*, *de maneira que*, *de forma que* etc.

Vejam-se os exemplos dos tipos mencionados:

- (1) Ele foi tão generoso que me deixou pasmado (Rocha Lima, 2003, p. 281).
- (2) Não posso ver defunto que não chore (Kury, 2002, p. 97)
- (3) Você estudou bem, *de modo que* pôde tirar boa colocação. (Bechara, 2003, p. 499).

Objetivando-se, dentro de uma visão discursiva da língua (cf. Decat, 2001), detectar outras possibilidades de se estabelecer a relação causa/ consequência, além destas já estudadas dentro das construções consecutivas, verificou-se a recorrência de *então* introduzindo meramente uma consequência de um fato antes mencionado, ao contrário do que prevê, por exemplo, Kury (2002), o qual afirma que este elemento – para ele uma conjunção – introduz orações conclusivas.

Tem-se como hipótese que *então* articula não apenas construções conclusivas, mas também, construções consecutivas, pelo fato de ainda preservar seu valor seqüencial característico dos advérbios. Em algumas de nossas gramáticas, como já mencionado, *então* é estudado como uma conjunção coordenativa conclusiva, no entanto,

³¹ Optou-se pelo termo *construção* e não oração, por se tratar de um termo mais amplo, que dá conta, portanto, de estruturas oracionais, bem como não oracionais

Mateus *et alii* (2003), estabelecendo diferenças formais entre conjunções e conectores, concluem que nem todos os conectores apresentados em estruturas de coordenação são conjunções, sendo este o caso do articulador em análise.

As autoras afirmam que os conectores ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, por terem um âmbito mais geral do que as conjunções. Tratando especificamente das orações consecutivas, elas apontam para a possibilidade de tais orações serem introduzidas por conectores conclusivos, todavia, não se aprofundam na questão.

Diante deste fato, apresenta-se, neste trabalho, uma descrição do comportamento sintático e semântico do articulador *então*. Para isto, lança-se mão de pressupostos funcionalistas como o conceito de gramaticalização e a noção de protótipos e, também, pressupostos da semântica argumentativa a fim de verificar em que contextos este elemento se apresenta, de fato, em construções conclusivas, exercendo, assim, uma função argumentativa em contraste com o *então* consecutivo, articulador de dois estados de coisas (conteúdos).

CONSIDERAÇÕES ACERCA DE *ENTÃO*

Estudos de cunho funcionalistas como os de Martelotta (1996), por exemplo, já demonstraram que este articulador mantém, no português atual, valores temporais e seqüenciais provenientes de sua característica anafórica e, também, valores que possuem uma função mais pragmático-discursiva. Em seu estudo, o autor demonstrou que *então* pode funcionar como um elemento anafórico, seqüencial, conclusivo, alternativo, intensificador, resumitivo e, ainda, introdutor de informações livres. É importante destacar que, apesar desses vários usos de *então*, nossa análise se pautará nos usos que correspondam ao nível intraoracional.

Em seu estudo, Falco (2005) detectou, para *então*, os seguintes valores sintático-semânticos: seqüenciação, tempo, explicação/justificativa, conclusão e consequência. Interessa-nos aqui estes dois últimos valores.

MORFOSSINTAXE

Pezzati (2001) aponta para o fato de que este elemento está sofrendo um processo de gramaticalização, ou seja, está passando de um advérbio para uma conjunção, por isso se apresenta ora desempenhando a função de um, ora, do outro. Segundo Risso (1996), neste último caso, este elemento se presta mais ao discurso e assume a função de um operador argumentativo.

Sendo assim, defende-se que orações iniciadas por *então* podem expressar uma conclusão do falante, isto é, uma relação de inferências entre as proposições, em que a primeira é uma das premissas e a segunda a conclusão (relação subjetiva / argumentativa) ou, apenas, uma relação de causa/consequência (relação objetiva / factual), como se verifica nos seguintes exemplos encontrados em nosso *corpus*:

a) *então* conclusivo

(1) ... e aqui no Rio não tem isso, aqui no Rio você tem que sair de casa, você tem que ir pra um shopping, você tem que ir pro cinema né... então às vezes eu prefiro lá (Cambuquira). (Oc-B-9C-1f-002)

b) *então* consecutivo

(1) ... os navios já estavam encostando na areia então eles botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui. (Op-B-90-3m-004)

Pode-se associar estas duas relações expressas por *então* com a teoria das metafunções propostas por Halliday (1967-1968, 1973 *apud* Neves, 2006). Este autor defende que as línguas são organizadas em torno de dois significados principais, que são o ideacional e o interpessoal. Aquele consiste na expressão da experiência do falante em relação ao mundo real e ao mundo interno da sua consciência; este, na interação entre a expressão e o desenvolvimento do falante e as expectativas do ouvinte.

Na primeira função, a ideacional, a coesão que flui naturalmente deve ser interpretada como significados – o que ocorre com o exemplo 2 – enquanto, na segunda, a coesão deve ser interpretada como uma relação entre os significados – caso este do exemplo 1.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Abordagem funcionalista: gramaticalização e a noção de protótipo

A menção ao processo de gramaticalização está presente na grande maioria dos estudos de cunho funcionalista e não poderia deixar de ser mencionado neste trabalho, que questiona o estatuto sintático de *então* como uma conjunção. Tecem-se, portanto, algumas considerações sobre esse processo.

Segundo Neves (2006), este é um processo que reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo. Para Hopper & Traugott (1993), gramaticalização é um processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Traugott e Heine (1991) apontam para o fato de que é a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições. Por último, menciona-se Givón (1991), para quem a gramaticalização, do ponto de vista cognitivo, é um processo instantâneo que envolve um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada.

Barreto (1999), em seu estudo sobre a gramaticalização das conjunções no português, constata que, na constituição destas, estão envolvidas diferentes classes gramaticais, dentre as quais a classe dos advérbios. Outra constatação feita pela autora foi que o processo de gramaticalização da grande parte das conjunções obedeceu à trajetória proposta por Heine *et alii* (1991) e por Traugott e Heine (1991):

Espaço > (tempo) > texto

Esse fato também é citado por Martelotta (1996) quando trata, especificamente, da gramaticalização do item *então*. O autor diz que os diferentes usos de *então* são conseqüentes desta trajetória e que, no português atual, este elemento já não apresenta mais o sentido espacial.

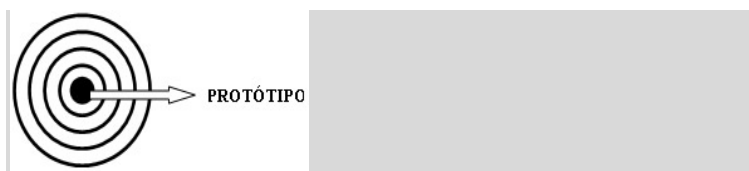
Quanto à noção de protótipo, Neves (2006) afirma que esta noção decorre da admissão da existência de vaguidade nos limites entre categorias. Segundo ela, o protótipo é o membro que ostenta o maior número das propriedades que bem caracterizam uma categori-

MORFOSSINTAXE

a, sendo ele a determinar a classificação dos demais membros dessa categoria.

Segundo Kleiber (1998, *apud*, Neves, 2003), a noção de protótipo apresentou duas fases, como se vê a seguir:

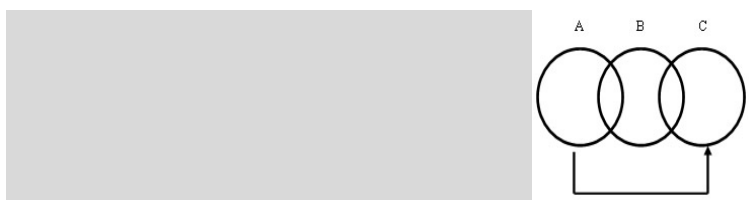
(2) 1ª fase: O protótipo é unidade central em torno da qual se organiza a categoria, situando-se no centro aqueles exemplares que têm maior semelhança com o protótipo, e na periferia os que têm menor semelhança:



Pode-se dizer que essa primeira noção de protótipo vem desde Aristóteles e embasa a gramática tradicional. Sendo assim acredita-se que as classes gramaticais são discretas e possuem características inerentes.

Com advento dos estudos funcionalista, esta primeira noção foi repensada, dando origem a segunda fase:

(3) 2ª fase: Não é necessário que todos os membros da categoria apresentem traço(s) em comum, eles podem pertencer a subcategorias diferentes, mas constituir uma mesma categoria, por meio de princípios de encadeamento e associação:



Nessa fase, as classes têm limites imprecisos e os itens que elas compreendem possuem vários tipos de integração. Assim, itens que possuem muitos traços em comum são protótipos de sua categoria, e aqueles que compartilham apenas alguns traços são introduzidos em certa classe como elementos marginais.

ABORDAGEM SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA:
OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Ducrot (*apud*, Fávero & Koch, 2002) defendendo que a argumentatividade está presente na língua, abre espaço para o estudo de certos elementos que antes eram desconsiderados por outras teorias. Trata-se dos operadores argumentativos que são constituídos de conectivos ou vocábulos.

Segundo Koch (2003), há dois tipos de operadores: os lógico-semânticos e os argumentativos. Os de tipo lógico são aqueles necessários e suficientes. Por exemplo, ‘*a água ferveu porque estava quente*’ é uma relação entre fato e verdade, simplesmente interligando conteúdo de duas proposições. Tais operadores estabelecem relações lógicas de conjunção, disjunção, equivalência, implicação, bicondicionalidade. Entre estas, incluem-se relações de causalidade, alternância, temporalidade, contrariedade, condicionalidade.

Quanto aos do tipo argumentativo, além de relacionar o conteúdo de duas proposições, introduzem comprovações, argumentos que evidenciam as intenções dos enunciados de convencer e/ou persuadir; estabelecem relações também denominadas pragmáticas, retóricas ou ideológicas, discursivas ou argumentativas. São elementos que encadeiam os enunciados de forma sucessiva, cada um dos quais resultante de um ato de linguagem particular.

Segundo Schiffrin (1998, *apud* Santos, 2003, p. 64), é muito difícil diferenciar elementos com valor adverbial e marcadores do discurso. No entanto, há alguns critérios que esclarecem se o articulador *então* funciona, de fato, articulador de argumentos. São estes:

- Realização de duas enunciações sucessivas, ou seja, de dois atos de fala;
- Possibilidade de ser proferido por dois locutores diferentes;
- Relaciona um estado de coisas e uma *inferência*, ou seja, apresenta uma premissa implícita.

MORFOSSINTAXE

METODOLOGIA

Descrição do CORPUS

Para melhor verificar os usos de *então* intraoracional, recorreu-se a um *corpus* de usos autênticos da língua, coletado do Projeto VARPORT (Variedades do Português). Trata-se de entrevistas orais, distribuídas nas modalidades culta e informal/popular da década de 70 e 90 do século XX, pertencendo às duas variedades do português: a brasileira e a europeia. Naquela variedade, foram encontrados 58 inquéritos; nesta, 50. Todos os dados levantados foram analisados segundo uma metodologia variacionista, sendo submetidos ao programa computacional Goldvarb 2000.

Caracterização do ENTÃO consecutivo admite focalização

Ex: “... os navios já estavam encostando na areia FOI então É QUE eles botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui”.

Admite ser precedido pela conjunção aditiva ‘e’ e ser até substituído por ela.

Ex: “... os navios já estavam encostando na areia e *então* eles botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui.

- Apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia.

Ex: “... os navios já estavam encostando na areia eles, então, botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui.

▪ Ao se inverter a ordem das orações e usar a conjunção ‘porque’, tem-se uma oração causal. Já com o *então* conclusivo tem-se uma oração explicativa.

Consecutiva ==> *Causal*:

“... os navios já estavam encostando na areia *então* eles botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui” ==> Eles botaram um encanamento lá com uma draga e jogaram areia aqui PORQUE os navios já estavam encostando na areia.

Conclusiva ==> *Explicativa*:

“... e aqui no Rio não tem isso, aqui no Rio você tem que sair de casa, você tem que ir pra um shopping, você tem que ir pro cinema né... *então* às vezes eu prefiro lá (Cambuquira)”. ==> Eu prefiro lá (Cambuquira), PORQUE aqui no Rio você tem que sair de casa, você tem que ir pra um shopping, você tem que ir pro cinema né.

Distribuição do *então* em construções consecutivas

Após o levantamento e análise dos dados de língua oral, detectaram-se usos de construções consecutivas contemplados pela GT (tanto... que, tão... que, de modo que, de maneira que, de forma que, etc.) e usos não contemplados por ela (e, aí e então). Dentre estes, verifica-se que o elemento *então* apresenta um número bastante expressivo em relação aos demais na variedade brasileira. O mesmo não ocorre na europeia, em que apenas 9% das ocorrências privilegiaram o uso de *então*. Como se pode observar pelo gráfico 2, todos são precedidos da conjunção ‘e’.

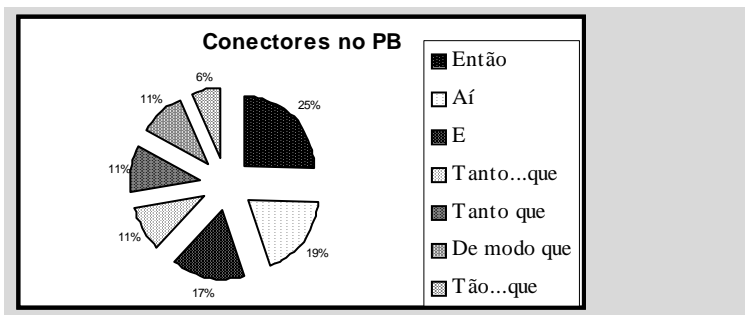


Gráfico 1

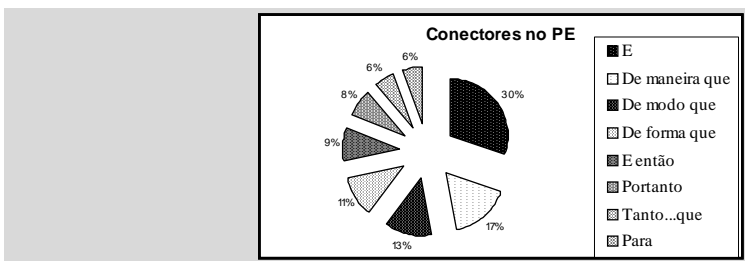


Gráfico 2

MORFOSSINTAXE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se ter demonstrado com este trabalho que o elemento *então* realmente não teve seu processo de gramaticalização concluído e que, na modalidade de língua oral, os falantes têm recorrido a outras estratégias para se estabelecer a consequência. Uma delas é justamente o *então*, que na variedade brasileira se mostrou a mais produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador, UFBA, 1999. Tese de Doutorado.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DECAT, Maria Beatriz N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. **In:** DECAT, Maria Beatriz N. et al. *Aspectos da gramática do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FALCO, Arlete de. *Então e por isso no português contemporâneo: do falar sulgoiano para um contraponto entre o aquém e o além-mar*. Uberlândia-MG, 2005. Dissertação de Mestrado.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual: introdução*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2002.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização de então. **In:** MARTELOTTA, M. E. et alii (org.). *Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PEZATTI, E. G. O advérbio “então” já se gramaticalizou como conjunção? *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-95, 2001.

RISSO, M. S. O articulador discursivo então. **In:** CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado*, vol. 4. São Paulo: FASEP/Campinas: Unicamp, 1996.